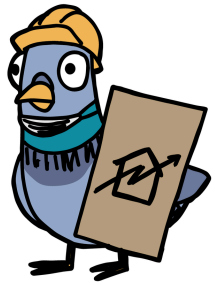
NÚMERO 17 04 NOV. 2026

A PASSARADA



JORNAL AUTÓNOMO DA ACAMPADA

ATENÇÃO CAMARADAS!

CAMARADAS, a acampada existe! Sobrevivemos a doses massivas de mentira, de vilipendiação, de intriga e de porrada. Juntámos-mos, desavindas e perdidas, com pouco mais do que tendas baratas e cartões dobrados, e construímos um exemplo impar de resistência e autogestão. A nossa inteligência, a nossa sabedoria, a nossa intuição, foi a seguinte: soubemos organizar-nos à volta das nossas feridas comuns, à volta daquilo que nos percorre como uma ininterrupta linha vermelha, e não à volta das nossas ideologias, dos nossos líderes carismáticos, das nossas ideias feitas. Fomos mais fortes porque somos hoje somos mais inteligentes e capazes do que erámos há um par de semanas. Basta dar uma volta à praça para perceber que os debates, as conversas, as técnicas, a entreajuda e a comunização de que somos capazes excede tudo o que pensávamos ser possível. Somos mais fortes porque somos mais profundas.

CAMARADAS, o momento é crítico. É extremamente difícil começar um movimento. Mais difícil ainda é que este continue. Quase impossível é que se supere a si próprio e se torne em algo novo. E é aí, onde estamos, onde os nossos problemas realmente começam. Não temamos. Toda a vida lutámos para aqui chegar.

CAMARADAS, o poder foi obrigado a reconhecer a Acampada. O tribunal confirmou a legalidade da presença das tendas. O presidente da república quer encontrar-se com os acampados. Cronistas de jornal fazem fila para nos elogiar. Realizadores de cinema acham-nos fantásticos (onde estavam até agora?). Por todo o lado inventam líderes da acampada. Todo esse reconhecimento é uma faca na nossa garganta. Arrisca ferir-nos mais do que qualquer bastonada e a consiguir aquilo que a violência não conseguiu: anular a nossa força comum. A acampada deve continuar concentrada e focada na expansão do seu poder, no desenvolvimento dos seus próprios instrumentos políticos, na construção das suas estruturas materiais e organizativas, na expansão das suas formas de encontro e de gregaridade, na constituição da sua linguagem de recusa e antagonismo. A acampada é hoje uma verdadeira cidade, e essa cidade deve, por todos os meios, evitar ser integrada na metrópole. O principal foco da acampada deve ser ela a própria e o seu papel na expansão do campo da luta e nunca, mas nunca, o diálogo com o poder.

CAMARADAS, sejamos vaidosas, mas conscientes de que nada somos sem as outras. Algumas de nós são mais eloquentes, outras mais corajosas, outras mais práticas, outras mais espevitadas, outras tantas outras coisas. É normal e está tudo bem. Todos damos o melhor que temos para dar, conscientes de que associados a esse melhor surgem também coisas menos boas, o que é também normal. Ninguém tem de ser perfeita, e o único que se pede é que todas saibamos escutar o que nos é dito e ler onde estamos. Dito isto, o movimento não pode, nunca, ser capturado pela suas lideres carismáticas. O reconhecimento de contribuições pessoais impares deve ser acompanhada pelo reconhecimento de que isso não confere a ninguém qualquer estatuto especial. Miminhos e insurreição, é essa a nossa validação. O poder, os media, o sistema, irão procurar aliciar todas as pessoas que a seus olhos se destaquem por esta ou por aquela razão. Procurarão subsumir aquilo que é comum nesta ou naquela personagem. Não o permitiremos.

CAMARADAS, o sucesso da acampada tornou-a no epicentro da reconfiguração das lutas. Partidos e organizações que ao início pouco ou nada queriam ter a ver connosco estão agora investidos na acampada. Tudo bem, bem vindas, cá vos esperávamos, mas não queremos importar as quezílias da velha política. Porrada levámos todas, não precisam de exibir as vossas feridas enquanto argumento político, é apenas um insulta a toda a gente que levou mais e não o fez. Nos próximos dias, as guerrinhas internas da antiga esquerda irão tornar-se insuportáveis e correrão o risco de fazer desabar tudo o que construímos até agora. Não nos passaria pela cabeça apelar a qualquer união artificial. Gostamos dos estrilhos, das discussões, das rivalidades e das tricas. Vivemo-las com paixão. Mas queremos guerras melhores do que lutar pelo controle da burocracia. A acampada deve superar a mediocridade e mesquinhez das lutas pela honra da própria chafarica. Lutemos entre nós até ao osso, mas lutemos de forma que acampada ganhe com isso, e não de um modo que apenas a torne insuportável. Para os que insistem em medir as pilinhas das organizações de origem reservaremos um tendinha afastada no cantinho da praça.

CAMARADAS, a acampada tem de ir mais longe na apropriação da metrópole. Comunização, antagonismo, entreajuda, criatividade. É isso a acampada. Dessa experiência devemos fazer técnica, uma técnica que ocupe outros cantos da cidade. Disputar taco a taco a colonização das nossas ruas pelo capital e pelo seu espectáculo. O domínio capitalista da cidade não ocorre apenas nas rendas, ele ocorre na transformação de Lisboa num parque de diversões. Mas a sua diversão terminou. Agora é a nossa vez.

DEIXOU DE HAVER AMIZADE QUE NÃO SEJA POLÍTICA

Na noite do primeiro dia de combates da Revolução de Julho, aconteceu que, em vários pontos de Paris, independentemente uns dos outros e em simultâneo, se disparou contra os relógios das torres.

Uma testemunha ocular, que talvez deva a sua inspiração à rima, escreveu então:

“Quem acreditaria! Dizem
que, irritados contra a hora,
novos Josués,
aos pés de cada torre,
disparavam contra os mostradores
para deter o dia.”

Walter Benjamin, tese XV, Sobre o conceito de história

Partir um relógio transcende, em simbolismo, qualquer outro acto político na mesma categoria. Não porque se pretenda deter o tempo, nem porque a revolução consista em suspender o movimento do mundo, mas porque se reconhece naquele objecto uma das formas mais discretas e eficazes de organização da nossa submissão. O relógio não nos diz apenas que horas são. Diz-nos quando devemos estar disponíveis, quando devemos começar, quando podemos parar, quanto tempo podemos demorar, quanto tempo podemos dedicar a qualquer coisa antes de termos de regressar ao que realmente importa.

A PASSARADA

O capitalismo teve de produzir uma determinada experiência do tempo para conseguir organizar a vida à sua imagem e de acordo com as suas necessidades reprodutivas. Uma hora passou a valer independentemente daquilo que nela acontece. O trabalho, o descanso, o encontro, a deslocação, a espera: tudo pode ser inscrito numa mesma sucessão de unidades abstractas. Engolimos o relógio de ponto fabril, cuspindo-o depois em relógios de pulso que, agora, até medem a nossa performance, sono, hábitos e nos inventa deveres, metas e anseios. Aprendemos a organizar os encontros como compromissos, a amizade como uma actividade a que devemos reservar tempo, o descanso como uma condição para regressar à produtividade. Até aquilo que escapa à economia parece precisar de uma justificação económica.

É por isso que esta imagem dos companheiros que dispararam sobre os relógios de Paris, continua a ser tão perturbadora. Não estavam a tentar parar o tempo. Estavam a atacar a sua representação pública, a autoridade que fazia da hora uma determinação comum e indiscutível. O gesto tinha qualquer coisa de absurdo e, precisamente por isso, de extraordinariamente lúcido: se a ordem existente consegue apresentar-se como a própria continuidade do mundo, interromper essa continuidade torna-se uma tarefa revolucionária.

E porque ontem a Acampada de Madrid foi corrida à paulada pela bófia, mesmo depois de terem anunciado que iriam desmobilizar essa parte da sua ação, convém celebrar essas brechas que, ao longo da nossa história humana comum, interromperam um determinado rumo das coisas, encetando horizontes nos quais já nada poderia ser como antes. A Comuna de Paris, por exemplo, durou só 72 dias. Mas esses 72 dias não pretenderam ocupar simplesmente o lugar do governo, mas experimentar a possibilidade de organizar a existência a partir de outros formatos. A derrota da Comuna deixou aberta uma pergunta: o que aconteceria se deixássemos de organizar a vida a partir das necessidades de uma ordem que nos é exterior?

O capital não se apropria apenas do nosso trabalho. Apropria-se também das condições em que nos encontramos, da maneira como nos relacionamos, da nossa capacidade de prestar atenção uns aos outros. Produz indivíduos separados, cada um encarregado de administrar a sua própria sobrevivência. Essa separação não é um efeito secundário: é uma das suas condições. Faz com que a nossa dependência recíproca apareça como inconveniência e não como o fundamento material de qualquer possibilidade de emancipação. Mais tempo livre para fazer o quê? Para gerir melhor a nossa própria reprodução? A liberdade entendida como disponibilidade individual pode coexistir com a reprodução integral das relações que nos aprisionam. Ter mais tempo e não saber o que fazer dele. O ócio é ainda um tipo de submissão à forma de vida que o trabalho organizou.

A tarefa concreta: conseguir deixar de considerar o tempo enquanto propriedade individual e passar a reconhecer-lhe uma condição comum. Quando uma reunião não é um compromisso a acrescentar à agenda, mas a construção de uma capacidade inédita. Quando cozinhar, cuidar, discutir, organizar, aprender ou simplesmente permanecer junto de alguém passam a ser, em si, próprias, política. Quando percebemos que aquilo que produzimos em comum não é apenas um resultado, uma decisão ou uma organização, mas uma transformação da própria experiência de estar vivo.

Deixou de haver amizade que não seja política. Não porque todas as relações tenham de se converter em militância, nem porque a intimidade deva submeter-se a uma qualquer disciplina ideológica. Mas porque já não existe uma fronteira clara entre a maneira como nos relacionamos e a maneira como o mundo está organizado. A amizade é política quando deixa de ser apenas um abrigo privado contra a devastação do mundo e começa a produzir uma força capaz de pôr em causa os seus modos. Quando a confiança deixa de ser uma disposição sentimental e se torna uma condição material da acção. Quando a atenção que dedicamos aos outros, a responsabilidade que assumimos pelas suas possibilidades e a disciplina que construímos em conjunto começam a constituir uma forma de vida que não pede autorização à ordem existente.

A greve, a ocupação e a insurreição não podem ser pensadas apenas como interrupções negativas. O seu interesse não reside exclusivamente naquilo que conseguem suspender, mas nas relações que tornam possíveis durante essa suspensão. O tempo retirado à produção pode tornar-se tempo de organização, de experimentação, de aprendizagem, de constituição de uma força. E essa força não aparece por geração espontânea. Constrói-se através de uma atenção persistente, de compromissos, de tarefas partilhadas.

Talvez seja esta a diferença entre esperar pela revolução e começar a viver de uma maneira que a torne possível. A primeira atitude deixa-nos frequentemente à espera de uma ruptura que virá resolver as contradições da nossa existência. A segunda obriga-nos a reconhecer que a ruptura começa também naquilo que conseguimos construir no presente. A forma como vamos vivendo o espaço de encontro aberto pela Acampada, é isto que se pode encetar como real proposta - muito para além de qualquer intervenção incendiária que possamos preparar em frente ao espelho para cuspir na assembleia.

Bora partir a merda dos relógios. A vida não começa amanhã, já aqui está, nas relações que conseguimos estabelecer e defender, na atenção que somos capazes de oferecer, na confiança que conseguimos produzir. Reiteramos, deixou de haver amizade que não seja política.

Até já, na praça.

